



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

Rede de Poder: Podcast sobre movimentos de extrema direita e sua organização nas redes sociais

Mariana Pesquero de Medeiros Cunha

Campo Grande (MS)
NOVEMBRO/2025

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Rede de Poder: Podcast sobre movimentos de extrema direita e sua organização nas redes sociais

MARIANA PESQUERO DE MEDEIROS CUNHA

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Jornalismo da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Orientador(a): Prof. Dra. Daniela Ota

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: "Rede de Poder: Podcast sobre movimentos de extrema direita e sua organização nas redes sociais "

Acadêmica: Mariana Pesquero de Medeiros Cunha

Orientadora: Daniela Cristiane Ota

Data: 24/11/2025

Banca examinadora:

1. Marcos Paulo da Silva
2. Hélder Samuel dos Santos Lima

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca ressalta a qualidade do trabalho e recomenda a veiculação do produto na Rádio Educativa UFMS e em outras plataformas. Indica também o produto para concorrer a prêmios em entidades científicas da área.

Campo Grande, 24 de novembro de 2025.

**NOTA
MÁXIMA
NO MEC**

**UFMS
É 10!!!**



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Cristiane Ota, Professora do Magistério Superior**, em 24/11/2025, às 18:41, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

**NOTA
MÁXIMA
NO MEC**

**UFMS
É 10!!!**



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Paulo da Silva, Professor do Magisterio Superior**, em 24/11/2025, às 18:42, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

**NOTA
MÁXIMA
NO MEC**

**UFMS
É 10!!!**



Documento assinado eletronicamente por **Hélder Samuel dos Santos Lima, Usuário Externo**, em 24/11/2025, às 18:46, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

**NOTA
MÁXIMA
NO MEC**

**UFMS
É 10!!!**



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Coordenador(a) de Curso de Graduação**, em 26/11/2025, às 09:19, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6020095** e o código CRC **87EA7ACA**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015712/2025-27

SEI nº 6020095



AGRADECIMENTOS

Este trabalho só existe por causa da minha avó Ana Maria. Desde que eu me entendo por gente ela é um ser de opinião fortíssima, sem medo de falar o que pensa. Sinto que, de alguma forma, vê-la resistir enquanto mulher e mãe solo de cinco filhas e ser uma das 14 mulheres eleitas vereadoras da minha cidade em 110 anos de instalação da Câmara Municipal, sempre me inspirou a ter sua coragem. Ela me ensinou a olhar para o outro, enxergar quem não é visto, me voltou para as causas sociais e para o meu papel enquanto cidadã. Serei eternamente grata por isso.

À minha mãe, Márcia, devo toda a sensibilidade que tenho em mim. Eu não me lembro de um momento da minha vida em que ela não esteve ao meu lado. O amor e afeto transmitidos por, muitas vezes, apenas um olhar; outras vezes, com lanches da tarde levados até mim enquanto eu passava toda a tarde no quarto estudando para passar na faculdade. Ela fez minha primeira matrícula da escola e esteve ao meu lado quando fiz minha primeira matrícula na universidade. Eu sou um pouco dela.

Ao meu pai, Marcelo, por tornar tudo mais leve. Por sempre se fazer presente e ser a definição perfeita de “paizão”. Por diversas vezes passar horas e horas dirigindo 530 quilômetros só pra me buscar e me levar pra casa. Por todas as mensagens de carinho e de saudade quando a percepção da distância apertava. Pelos incentivos a cada pequena conquista. Pela disposição em fazer o possível e o impossível para se manter por perto.

Minha irmã, Marcela, me tira as risadas mais sinceras. Ela tem sido minha melhor amiga na descoberta da vida. Compartilhar o que vivi e aprendi nesses quatro anos com uma adolescente 5 anos mais nova que eu foi definitivamente uma experiência. Sua presença me traz constantemente o olhar otimista necessário para seguir o dia a dia e a lembrança de quem eu sou, de onde vim.

A quem eu compartilho os dias, as dores, as saudades, as vitórias, as opiniões, o amor e, agora, a profissão. Foi muita sorte minha vida ter esbarrado na do Lucas durante a faculdade. Ele é minha família quando ela está longe. Não só no

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



processo de produção deste trabalho, mas em toda a trajetória do curso, ele esteve comigo sob todas as circunstâncias, tornando tudo mais fácil.

A cada um que cruzou meu caminho. Aos que sentaram ao meu lado nas aulas da Márcia, na cantina da concha, na mesa dos inúmeros bares e no corredor central. Aos que estiveram comigo desde o início e também aos que não são mais tão próximos, mas terão sempre um lugar especial na minha vida. Eles são os responsáveis pelo clichê máximo de terem tornado esses quatro anos mágicos. Às amizades que eu vou levar pra vida.

E, claro, às amizades que ficaram: Nathalia, Fernanda e Júlia. Desde os cinco anos de idade. Estivemos juntas na primeira prova, confidenciamos o primeiro beijo, estudamos juntas para o primeiro vestibular e, agora, sendo a primeira do grupo a me formar, sei que elas vão estar comigo também.

À minha avó, Sirley, que me viu começar a faculdade e, por pouco, não me verá concluir. E ao meu avô, Paschoal, que não me viu viver o jornalismo, mas que estaria orgulhoso de mim.

Obrigada a cada professor que fez parte do meu processo de formação enquanto profissional. Cada um será sempre lembrado com muito carinho e respeito. Um obrigada especial à professora e melhor orientadora que eu poderia ter tido, Daniela Cristiane Ota.

Aos meus entrevistados: vocês deram vida a este trabalho. Obrigada!

Ao Jornalismo, por ser uma paixão descoberta e vivida intensamente todos os dias.

Eu não mudaria nada.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

Resumo	6
Introdução	7
1. Atividades desenvolvidas	12
1.1 Execução	12
1.2 Dificuldades encontradas	15
1.3 Objetivos alcançados	16
2. Suportes teóricos adotados	18
Considerações finais	33
Referências	34
Anexos	42
Apêndice	43



RESUMO:

Rede de Poder é um podcast de entrevistas que aborda, em seis episódios, o fortalecimento da extrema direita no Brasil e o uso das redes sociais como canal de comunicação de movimentos extremistas, sob diversos pontos de vista. Nos episódios são desenvolvidas conversas com especialistas sobre diversos aspectos que envolvem o assunto. Discursos extremistas nas redes sociais, algoritmos e democracia são a base das discussões.

PALAVRAS-CHAVE: Podcast jornalístico, entrevista, extrema direita, redes sociais, algoritmos



INTRODUÇÃO

Ao final do século XVIII, na França, uma revolução nascia predestinada a transformar os conceitos sobre política, sociedade e direitos humanos em todo o mundo. Nesse período, dois grupos sociais, com ideologias e propósitos diferentes, ganhavam força e se solidificavam no contexto político francês. Esses dois grupos, os girondinos e jacobinos, se identificavam, respectivamente, como de direita e de esquerda.

O termo esquerda e direita na política nasce no contexto de emergência da Revolução Francesa, ‘delegados’ identificados com igualitarismo e reforma social sentavam-se à esquerda do rei; delegados identificados com aristocracia e conservadorismo, à direita. [...] ao longo do século XIX na Europa a distinção entre esquerda e direita passa a ser associada com a distinção entre liberalismo e conservadorismo (Silva; Brites; Oliveira; Borri, 2014, p. 410).

Apesar de sempre existir, o crescimento do sentimento conservador voltou à tona nos últimos anos a partir de crises de sistemas políticos em todo o mundo. Para Cas Mudd (2016 apud Aparecido, 2021), esta seria a terceira onda de ascensão da extrema direita que vivemos atualmente.

Foi a partir dos anos 2000, com a crise de representatividade entre os partidos tradicionais na Europa e outros acontecimentos importantes apontados pelo autor como, por exemplo, a crise migratória e de refugiados, que ganhou o cenário jornalístico europeu, e impulsionou discursos nacionalistas radicais, xenófobos e anti-imigratórios. Soma-se a isso, a crise do Euro (2011), a crise do Brexit (2016) e a crise da economia estadunidense (2008), ou seja, reflexos das economias dos principais países europeus. São esses fatores de ordem política e econômica que alteraram o plano político, cultural e ideológico, e evidenciaram que partidos de extrema direita afetaram a política externa e não somente o processo de integração da Europa, e, assim, tiveram efeitos na força, na representatividade e na influência dessas organizações (Aparecido, 2021, p.4)

No Brasil, a definição de esquerda e direita e, além disso, das camadas populacionais que pertencem a essas classificações, se deu e ainda se dá por meio de um processo complexo (Silva; Brites; Oliveira; Borri; 2014). Isso devido às características da formação sócio-histórica brasileira, marcada por colonização; escravidão prolongada; herança coronelista e conservadora das elites; inserção



periférica no capitalismo mundial; tardia formação do operariado urbano-industrial e pouca tradição de esquerda.

Alguns séculos depois da formação da sociedade brasileira, passados dois governos ditatoriais¹ e uma redemocratização² paralela à criação e ao desenvolvimento da internet, algumas coisas mudaram. Primeiro, as redes sociais tiveram mais um uso adicionado à sua lista de funções:

A internet, hoje, é campo indissociável da comunicação. O aprimoramento das práticas jornalísticas está diretamente ligado ao desenvolvimento de novas funções na web. Através dessas funções do ambiente online, o jornalismo aprimora sua capacidade de produção e, principalmente, a capacidade e diversidade de meios de distribuição do conteúdo noticioso produzido (Carvalho; Costa, 2021, p. 3).

Esse novo campo indissociável de comunicação (Carvalho; Costa, 2021) passou a ser explorado e utilizado por eleitores e candidatos. É através das redes sociais que as comunidades compartilham pensamentos e opiniões em comum. De acordo com os autores, esse processo foi intensificado e criou as chamadas “bolhas de informação”: ambientes onde os usuários interagem predominantemente com conteúdos que reforçam suas convicções e limitam o debate plural.

A unilateralidade de uma visão acaba por gerar crenças fixas, amortecidas por hábitos inflexíveis de pensamento, que dão abrigo à formação de seitas cegas a tudo aquilo que está fora da bolha circundante (Santaella, 2019, p. 16).

Ao mesmo tempo em que, nesses espaços, pensamentos em comum foram sendo retroalimentados, teve início o crescimento de um ideário neofascista em grupos de opiniões políticas de extrema-direita, com “traços de irracionalismo, nacionalismo, defesa de valores e instituições tradicionais, intolerância à diversidade

¹ Na história do Brasil, dois governos são considerados ditatoriais: o Estado Novo de Getúlio Vargas e a Ditadura Militar. Vargas governou 8 anos de regime autoritário, utilizando o populismo e o controle dos meios de comunicação de massa para disseminar a ideia de um líder carismático que representava o povo (Gomes, 2019). Em 1964 um golpe civil-militar tirou o então presidente João Goulart do poder e criou um estado violento e autoritário, que repreendeu movimentos sociais, legitimou a tortura e durou mais de 20 anos (Napolitano, 2013).

² “A eleição presidencial de 1989 marcou o final de uma longa transição que desaguara em uma profunda crise política. Foi a primeira eleição no Brasil a usar dois turnos e, além disso, foi uma eleição “solteira”, ou seja, para apenas um cargo. Dadas essas condições, nenhum partido viu motivos para ficar de fora. Livres da camisa de força imposta por uma legislação até então restritiva, políticos optaram por testar suas forças. Novos partidos foram criados especificamente para lançar candidatos à presidência. Cada um queria provar que tinha um lugar ao sol na democracia nascente”. (Limongi, Guarnieri, 2014).



cultural, étnica, sexual, anticomunismo, machismo, violência em nome da defesa de uma comunidade/raça considerada superior" (Silva, Brites, Oliveira e Borri, 2014).

Não demorou para que as redes sociais fossem invadidas por discursos de ódio, apologias ao nazismo, discriminação e intolerância escancarados. A ascensão desses grupos levou à disseminação de seus discursos nas redes sociais de forma extremamente fácil, com quantidade de acessos cada vez maiores.

Pesquisa realizada por Dias revela que de 2002 a 2009 o número de sites que veiculam informações de conteúdo neonazista subiu 170%, saltando de 7.600 para 20.502. No mesmo período, os comentários em fóruns sobre o tema cresceram 42.585%. Nas redes sociais, os dados são igualmente assustadores. Existem comunidades neonazistas, antisemitas e negacionistas em 91% das 250 redes sociais analisadas pela antropóloga. E nos últimos nove anos o número de blogs sobre o assunto cresceu mais de 550% (Silva; Brites; Oliveira; Borri, 2014, p. 431).

A eleição presidencial de 2018 no Brasil, segundo Nunes e Traumann (2023), "foi um ponto de inflexão na transformação da polarização partidária em um fenômeno novo, mais extremado, no qual o radicalismo político começou a transbordar para o cotidiano". Em 2022, o Brasil atingiu o auge no quesito polarização política. A disputa entre Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro criou dois "Brasis": um deles, mais especificamente 60,3 milhões de sua população, votou em Lula (candidato de esquerda). Os outros 58,2 milhões escolheram Bolsonaro (candidato de extrema-direita). Conforme Nunes e Traumann (2023), o país estava dividido, e opiniões já calcificadas faziam parte da vida privada das pessoas, internalizadas como características da identidade. A polarização passou de partidária para social, e de social para afetiva - o cenário ideal para o fortalecimento ainda maior de movimentos como o da extrema direita.

Houve um transbordamento da disputa política para o cotidiano, contaminando as relações na família, no trabalho, no ensino e no consumo. [...] Calcificado, o Brasil tem desafios para identificar e solucionar seus principais problemas sociais e econômicos, já que o diálogo e a cooperação deixaram de ser a norma (Nunes; Traumann, 2023, p. 22).

As redes sociais se tornaram instrumento para além de um espaço de compartilhamento de opiniões, representando um ponto de encontro, e organização de uma comunidade que prega o ódio e a opressão, de elaboração de ações que prezam pela permanência de valores e tradições intolerantes e violentas.



Tratar desta temática complexa em formato de podcast foi uma escolha feita após a percepção de que o áudio como ferramenta jornalística no espaço digital cria um ambiente de diálogo com grandes chances de proximidade com o ouvinte. Segundo Cebrián Herreros (2001), “a Internet oferece um suporte para a cobertura de fatos do cotidiano e para a satisfação de necessidades imediatas”.

Somado a isso, é importante ressaltar como, atualmente, os podcasts, conseguem atingir camadas da sociedade amplas e diversas. Sua veiculação na internet e em plataformas de streaming tem a capacidade de alcançar públicos e regiões cada vez mais distantes e criar um ambiente de comunicação multimidiático, integrando áudio, texto e imagens, além de possibilitar uma área de trocas de conhecimento. Magnoni, Almeida e Leite (2020) citam Magnoni e Miranda (2014) e Bauman (1999) para comparar a funcionalidade das rádios antigas com os atuais *audiocasts*.

Ademais, se antes as emissoras de rádio tinham possibilidade de alcance local e regional pré-definidos, os audiocasts permitem um consumo absolutamente desterritorializado de conteúdos sonoros [...]. Esta desterritorialização permite que o áudio difundido de forma digital ultrapasse muitas fronteiras, que o torna um produto internacionalizado e multicultural com abrangência típica da comunicação pelas redes digitais, onde a distância é cada vez mais um produto social e não físico [...] (Magnoni; Almeida; Leite, 2020, p. 154 apud Magnoni e Miranda, p. 189-206).

Quem consome podcast pode acessar o conteúdo de qualquer lugar a qualquer hora, desde que tenha conexão com a internet, realizando, inclusive, outras atividades enquanto escuta.

O acesso a bolhas que ecoam discursos misóginos e fascistas é simples e prático, em poucos cliques. As opiniões pessoais parecem adentrar a internet de maneira diferente, mais agressivas, mais corajosas. A possibilidade de anonimato oferecida pelas plataformas digitais mais o contexto político e social atual favorecem esse cenário de discursos violentos.

A televisão, os blogs, faces e páginas pessoais ou da mídia estão saturados de mensagens e filosofias que dão sustentação ideológica para o campo ideológico da extrema-direita. Os opositores de esquerda, os jovens, os pobres, os negros, mulheres e homossexuais são vandalizados, estigmatizados e caricaturados diariamente pela mídia patronal nos conteúdos de seus vários programas diários ou editoriais "jornalísticos" (Silva; Brites; Oliveira; Borri, 2014, p. 441).



A relevância deste projeto se encontra na importância do caráter social em desenvolver um espaço para debate acessível, levando em conta o papel do jornalismo como instrumento de cidadania. A possibilidade de disseminação do conteúdo, com forte contexto social, concretiza o acesso à informação de qualidade enquanto direito. O projeto pensa propostas sobre como frear o crescimento de organizações extremistas e preparar usuários para agir diante delas. Estudar e compreender como elas surgem, ganham força e se disseminam, para, então, informar a sociedade em forma de alerta.

O objetivo com o podcast foi, através de conversas com especialistas, dialogar sobre as diversas camadas do tema e levar à população a compreensão de que a extrema direita se utiliza das redes sociais de diversas formas e que o consumo de conteúdos extremistas afeta diretamente a forma como entendemos nossa realidade.

Segundo pesquisa realizada pela Quaest em 2024, 38% dos brasileiros de classe baixa afirmam não ter qualquer interesse por política; 28% da classe média e 21% da classe alta. Este trabalho buscou desenvolver diálogos que despertem a população sobre o impacto da política no dia a dia e no exercício da cidadania.



1 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

1.1 Execução:

A primeira etapa para a execução deste produto foi a definição do tema, no primeiro semestre de 2025, na disciplina de Pesquisa em Jornalismo. Foi o momento de idealizar o projeto, que serviria como base para toda a produção. Nesse início cheio de possibilidades, o tema central foi delimitado; os objetivos e a justificativa construídos; foram feitas as pesquisas para a fundamentação teórica; a procura por uma metodologia que fosse adequada ao desenvolvimento do produto; o estabelecimento de um cronograma e pensadas as possibilidades de fontes e abordagens. Ficou definido, então, que este trabalho de conclusão de curso seria um podcast jornalístico com três episódios, que traria uma análise dos movimentos de extrema direita nas redes sociais brasileiras com especialistas de áreas diversas.

Após a aprovação na disciplina, a primeira conversa com a orientadora ajustou alguns itens do meu projeto. Ela me ajudou a enxergar que era preciso aumentar o número de fontes. Em vez de três entrevistados, seriam seis, dada a complexidade do tema e a profundidade de análise proposta. Ficou decidido, também, que o podcast teria apenas fontes especialistas, pensando nos riscos de entrar em contato com participantes de grupos extremistas e na minha proposta de trazer uma explicação sobre a temática para o ouvinte. Nessa conversa também alinhamos que seria feito um “esqueleto” dos roteiros para definir as abordagens de cada episódio. Assim, a primeira versão do primeiro roteiro foi elaborada no dia 28 de julho de 2025.

Ainda no final de julho, o processo foi iniciado com a busca pelas fontes. Essa busca se deu por meio de artigos, livros e pesquisas - com a ajuda de ferramentas como o Google Scholar e o repositório da UFMS - que tratavam exatamente da proposta de tema abordado, e os autores foram contatados. Isso me rendeu entrevistas com *experts*, baseadas em pesquisas. A Agência de Comunicação da UFMS forneceu sugestões de pesquisadores de todos os campus da universidade. A busca por entrevistados não ficou limitada apenas a Campo Grande e entrevistas presenciais. Havia a possibilidade de entrevistar especialistas de outras cidades e universidades, e foi o que aconteceu. Apenas duas das fontes são da UFMS, e apenas uma entrevista foi feita presencialmente.



Com o retorno, ou não, dos pesquisadores, a busca seguiu e, ao mesmo tempo, teve início o agendamento das pré-entrevistas. Elas tiveram papel importante na elaboração do produto, pois auxiliaram a conhecer melhor as fontes, estabelecendo se seriam, de fato, utilizadas; e a afinar as perguntas do roteiro. A primeira pré-entrevista foi feita no dia 29 de julho e as demais se estenderam ao longo do mês de agosto.

Para a elaboração dos roteiros, tanto das pré quanto das entrevistas oficiais, foi feita uma pesquisa jornalística para elaborar as perguntas para cada fonte, com o objetivo de especializar a abordagem e tirar o melhor proveito das entrevistas. Assim, os roteiros foram montados com perguntas específicas, de acordo com o desenvolvimento de fala de cada entrevistado, previamente conhecido. Vale lembrar que todas as etapas foram encaminhadas e aprovadas pela minha orientadora.

Com a confirmação das fontes, as entrevistas oficiais foram agendadas.

No primeiro episódio, o professor e historiador Fábio Sousa trouxe uma análise esclarecedora sobre os primeiros passos da extrema direita no Brasil, como ela se modificou ao longo dos anos e quais seus moldes atuais.

No segundo episódio, o filósofo especialista em redes sociais Cristian Arão explicou o ponto de inflexão da extrema direita: como se deu o momento em que ela adentrou o território on-line e de que forma os algoritmos atuam em seu favor.

No terceiro episódio, o historiador especialista em extremismo on-line, César Aprile, apresentou alguns exemplos de grupos extremistas nas redes sociais, explicou as características de seus membros e seus modos de atuação e como eles se conectam com movimentos fascistas e nazistas históricos.

O quarto episódio traz uma conversa com o psicólogo João Aristides sobre a análise do comportamento dos indivíduos que participam desses grupos e como essa interação pode transformar comportamentos na vida real. Ele também explicou o motivo da adesão a esses conteúdos.

No quinto episódio a conversa foi com Raphael Chaia, especialista em direito digital, sobre legislações vigentes que abarcam as redes sociais no Brasil e aplicabilidade dessas leis, o que tornou possível compreender como ainda se dá a veiculação de discursos de ódio nas redes sociais em grande quantidade.



Por fim, o último diálogo foi com o jornalista e educador midiático Márcio Gomes, sobre o papel do jornalismo e consumo consciente dos conteúdos nas redes sociais.

Um dos objetivos principais era trazer distintos pontos de vista e mostrar que o tema da extrema direita nas redes sociais engloba diversas camadas da sociedade.

Em relação às entrevistas oficiais, feitas durante os meses de agosto e setembro, em algumas foi possível seguir quase que 100% do roteiro original, sem ter que adicionar ou direcionar perguntas na hora. Com outros entrevistados, houve a necessidade de “improvisar” algumas perguntas e direcionamentos para desenvolver a conversa.

Todas as entrevistas foram feitas com equipamento próprio. Para a conversa presencial, com o professor Fábio Sousa, microfones de lapela preservaram a qualidade do áudio. As outras entrevistas foram feitas on-line, por meio da plataforma Google Meet, e gravadas, para, posteriormente, extrair o áudio para a edição. Como citado anteriormente, apenas uma entrevista foi feita presencialmente. Isso se deu pois os outros entrevistados não moram em Campo Grande. Em um único caso, na entrevista com o professor da UFMS em Campo Grande, Raphael Chaia, a conversa se deu no formato on-line devido à dificuldade de deslocamento e encontro. As pré-entrevistas duraram, em média, 50 minutos. As entrevistas oficiais, 30 minutos.

O podcast seria, inicialmente, dividido em três episódios de 40 minutos, com duas fontes cada. Porém, depois de editados e apresentados à orientadora, ficou definido que o ideal seria dividir os episódios por entrevistas, devido à densidade do conteúdo e à extensão da minutagem. Como o objetivo aqui é gerar conhecimento a partir da fala das fontes, e não colocá-las em debate, foram estabelecidos, então, seis episódios de entrevistas individuais com especialistas, que, editadas, têm entre 15 e 20 minutos. Dessa forma, foi possível apresentar o contexto, desenvolver maior aprofundamento da análise e deixar a escuta mais fluida para o ouvinte.

Desde a elaboração do pré-projeto, a proposta deste podcast é trabalhar diversos pontos de vistas e análises diferentes. A ideia é partir do ponto de vista



histórico para chegar a possíveis soluções. A divisão e o nome dos episódios ficaram definidos da seguinte forma:

- Episódio 1 - O que é a extrema direita?;
- Episódio 2 - Engajamento on-line da extrema direita;
- Episódio 3 - Os movimentos extremistas nas redes sociais;
- Episódio 4 - A psicologia no espaço virtual;
- Episódio 5 - As discussões sobre regulamentação digital;
- Episódio 6 - A educação como caminho para a democracia.

Então, teve início a etapa de pensar uma identidade para o podcast. O público alvo são os usuários das redes sociais, representados em 94% dos adolescentes entre 14 a 19 anos que estão inseridos nas redes, segundo a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2024, e 96% de adultos de 20 a 29 anos, conforme a mesma pesquisa. Pensando nisso, a ideia foi criar uma identidade visual que abrangesse, ao mesmo tempo, a seriedade do tema, mas de forma jovem e acessível. Era preciso contemplar diversas idades. As referências foram comunicadas para a profissional Victória Amorim, que produziu as capas dos episódios. Todos têm o mesmo design, com mudanças pontuais nas cores, dentro da paleta estabelecida, diferenciando cada episódio. As capas têm referências jornalísticas de pesquisa e entrevista e ícones que remetem às redes sociais.

A última etapa foi o alinhamento final dos episódios e do relatório com acompanhamento da professora orientadora. As expectativas voltadas a este trabalho foram, não só cumpridas, mas superadas.

1.2 Dificuldades encontradas

Desde o início, a ideia foi ouvir diversos pontos de vista. A orientação da professora era colher diversas vozes, tanto no sentido profissional quanto no âmbito de gênero. Porém, mesmo buscando e entrando em contato com especialistas mulheres, não houve o retorno esperado. Elas existem em menor quantidade que os homens pesquisadores da área, mas existem. As únicas pesquisadoras mulheres de quem tive retorno, me responderam indicando um homem para tratar do assunto. Essa foi uma dificuldade.



Outro empecilho foi o áudio de uma das entrevistas. A conversa com Cristian Arão, feita via Google Meet, teve de ser refeita devido aos ruídos que atrapalharam a compreensão da sua fala. A conversa foi remarcada para a penúltima semana de outubro, e a edição foi alinhada. Foi preciso ajustar alguns dos offs para ficarem com volume próximo ao da entrevista, já que foram gravados com microfone de lapela e a qualidade do áudio é superior.

O processo de marcar as entrevistas foi um pouco demorado, já que, contando as pré-entrevistas, foram 12 agendamentos, levando em conta o contato prévio, a definição de uma data e, então, a conversa.

Em relação à edição, como já citado anteriormente, a estrutura dos episódios mudou. De três episódios com 40 minutos, o podcast passou a ter 6 episódios de 15 a 20 minutos. A alteração exigiu que houvesse uma adaptação das introduções dos roteiros e o refazimento de alguns offs. Outra novidade desse processo, também sob a orientação da professora, foi o acréscimo das músicas no final de cada episódio. Elas foram escolhidas pensando no contexto dos temas, com a proposta de incentivar a reflexão e trazer uma conexão com o ouvinte.

1.3 Objetivos alcançados

O objetivo geral deste trabalho era produzir uma série de podcasts sobre os movimentos da extrema-direita e sua organização e disseminação nas redes sociais no Brasil após as eleições presidenciais de 2022. Este objetivo foi alcançado. Ao longo dos episódios foi possível compreender a escalada de poder da extrema direita no Brasil, em especial a partir do ano de 2013, a intensificação do ódio e da intolerância com a presidência de Jair Bolsonaro, de 2019 a 2022, e por que, hoje, estamos tão polarizados. O produto trouxe um resgate histórico e contextual mais amplo do que a partir das eleições presidenciais de 2022, o que permitiu uma análise do movimento gradual da extrema direita nos últimos anos.

Os objetivos específicos também foram alcançados. Eles eram: 1. descrever como as comunidades de extrema direita cresceram no Brasil e como se comunicam e organizam seus movimentos dentro das redes sociais; 2. propor um debate sobre a forma com que os conteúdos da extrema direita na internet podem impactar as opiniões dos usuários e do por que as redes sociais permitem a veiculação de discursos de ódio; 3. demonstrar como as eleições presidenciais de 2022 criaram



um ambiente de intolerância e tiveram relação com o crescimento de movimentos neofascistas no Brasil.

No último episódio, um objetivo a mais foi alcançado: demonstrar como a educação pode mudar o rumo do consumo das redes sociais. O terceiro objetivo específico foi levemente alterado para ampliar os horizontes da compreensão sobre a atuação da extrema direita nas últimas décadas no Brasil.



2 - SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS

2.1 A extrema direita e o fascismo no Brasil

O extremismo político, para Bobbio (1998) é um fenômeno que faz parte da história política moderna e contemporânea que motivou diversos movimentos sociais e políticos ao redor do mundo. Esses movimentos ascenderam, em especial, em períodos de intensa mobilização social e de transformações radicais nos sistemas produtivos e institucionais. Mais do que isso,

[...] indica uma tendência no campo doutrinal, um comportamento ou um verdadeiro e específico modelo de ação política adotados por um movimento, por um partido, por um grupo político, que rejeita as regras de jogo de uma comunidade política, não se identificando com as finalidades, os valores e as instituições prepostos à vida pública, e fazendo por modificá-los radicalmente. O que caracteriza o Extremismo é, em última análise, a tendência em ver as relações políticas nos moldes das alternativas radicais, a consequente [sic] recusa em aceitar a gradualidade e parcialidade dos objetivos, a repulsa à negociação e ao compromisso, e a urgente busca do "tudo e agora". Neste sentido, o termo acaba, no uso corrente, por se assemelhar em seu significado ao "radicalismo" e ao "maximalismo" [...] (Bobbio, 1998, p. 457 - 458).

As origens da extrema direita do Brasil nos levam de volta às décadas de 1920 e 1940, época vigente da Ação Integralista Brasileira (AIB), o maior movimento fascista do mundo fora da Europa³ nesse período e o maior movimento de direita do Brasil, pelo menos até 2019 (Doria, 2020). Segundo Caldeira Neto (2025), na década de 1980, durante os primórdios do neofascismo, não havia possibilidade para esse tipo de grupo ter chance nas eleições ou qualquer reconhecimento legal no Brasil, dados os mecanismos dos grupos extremistas e recursos os antiautoritários da nova Constituição brasileira de 1988.

Porém, a fraca organização da extrema direita brasileira no século XX não impediu que, por 21 anos, entre 1964 a 1985, o Brasil fosse comandado por outro grupo de direita: os militares. Inclusive, o período sombrio vivido nas décadas

³ O fascismo é um movimento iniciado na Itália no período entre guerras mundiais, em período de recessão econômica mundial, que acabou influenciando mudanças políticas em outros países. Falcon alerta que há os que entendem que existiu apenas o fascismo italiano, outros ampliam o fascismo para o nazismo, e existem os que ampliam como regimes fascistas outros autoritários. Atualmente se discute se há um retorno a esse ideário no âmbito mundial, em decorrência da ascensão ao poder de governantes de vertente autoritária (Violin, 2023, p.1854).



da ditadura civil-militar no país é não só negado, como exaltado pela extrema direita atual.

Em abril de 2016, a manifestação de Bolsonaro na Câmara dos Deputados em homenagem a Brilhante Ustra, ao invés de resultar em condenações cabíveis, tornou-se um marco da retórica celebratória da experiência ditatorial, pois conferiu visibilidade ao nome do coronel e outorgou legitimidade a narrativas negacionistas sobre o período (BAUER, 2020, p. 175). Após esse episódio, por conseguinte, a expressão “Ustra Vive!” passou a circular de forma mais recorrente na sociedade brasileira, sendo reproduzida em muros nas cidades, em atos pró-Bolsonaro, na esfera virtual e, inclusive, em instituições de educação formal. (Gallindo; Pureza; 2024; p. 48)

Após a redemocratização e a volta das eleições diretas em novembro de 1989⁴, foi só em 2011 que a direita se tornou politicamente mais robusta e os campos político e social brasileiros estavam abertos a novos grupos e tendências de direita (Caldeira Neto, 2025). O salto temporal de 1940 a 2022 reestrutura o contexto social, político e econômico, mas a extrema direita, hoje, ainda se organiza com as mesmas raízes e adentra a política brasileira com força.

A extrema-direita, marcadamente associada às trágicas experiências do nazifascismo, continua apresentando muitos traços originais do contexto de sua emergência: irracionalismo, nacionalismo, defesa de valores e instituições tradicionais, intolerância à diversidade cultural, étnica, sexual, anticomunismo, machismo, violência em nome da defesa de uma comunidade/raça considerada superior. Compartilhando do ideário político vinculado aos interesses de dominação, opressão e apropriação privada da riqueza social, distancia-se da direita tradicional pela intolerância e pela violência de suas ações, embora, quando organizada em partidos ou associações públicas, recuse tais práticas por parte de seus membros (Silva; Brites; Oliveira; Borri; 2014, p. 413).

Não é difícil relacionar o fascismo dos anos 1940 ao ideário da extrema-direita brasileira atual. O fetiche à disciplina militar, o nacionalismo exacerbado, a intolerância e o discurso violento não são mera coincidência com o

⁴ As eleições de 1989 foram um marco importante no processo que pôs fim ao regime ditatorial e restaurou a democracia no Brasil. O primeiro turno das eleições presidenciais de forma direta ocorreu no centenário da Proclamação da República, no dia 15 de novembro de 1989. Foi a primeira vez que os brasileiros escolheram um presidente após a promulgação da Constituição Federal de 1988.



que vivemos no governo de Jair Bolsonaro e que o mesmo faz questão de reforçar até hoje.⁵

Com a posse de Jair Bolsonaro, surgiu um novo capítulo para a extrema direita brasileira: agora ela está no poder. Uma das figuras políticas recentes mais próximas ao fascismo histórico foi eleita à Presidência, e os grupos neofascistas disputam influência, espaço político e cobertura midiática. Alguns traços unem o governo Bolsonaro e o fascismo histórico: o conservadorismo, o anticomunismo, o uso das teorias de conspirações e a visão de mundo baseada na diferenciação entre amigos e inimigos (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, p. 203).

Embora os contextos sejam múltiplos, há também uma explicação possível para a ascensão dessa direita extremada - o descontentamento e a frustração da população com os governos anteriores. Eles não se sentiam vistos, representados. E Bolsonaro os tocou com seu discurso emocional. As pessoas viram suas opiniões mais conservadoras e preconceituosas, muitas vezes escondidas, serem discursadas para milhões de cidadãos (Arão, 2023).

A compreensão de como Bolsonaro alçou-se (ou melhor, foi alçado) ao posto de líder com uma missão redentora só é possível pela união do descontentamento que começou a tomar as ruas em 2013 com os efeitos da Operação Lava Jato, deflagrada em 2014, e cuja maior repercussão deu-se apenas após o término do processo eleitoral daquele ano, que reconduziu Dilma Rousseff ao Planalto - eleita, é bom lembrar, sob a sombra de uma crise econômica que se avizinhava, enfaticamente negada em sua campanha, e sob condições de governabilidade um tanto instáveis (Gomes, 2019).

Além disso, a fragilização da política e a descrença nos políticos contribuíram para que os brasileiros quisessem no governo alguém mais autoritário. Que tomasse as rédeas do país. Alguém “capaz de resolver todos os impasses e incorreções de nosso sistema político”, segundo Gomes (2019). Para ele, a mídia e as redes sociais tiveram papel fundamental para a construção de tal visão.

Em vez da busca pelo debate de valores democráticos e republicanos, optou-se sistematicamente pelo espetáculo e o apelo à crítica fundada em oposições radicais, reforçada pela farta distribuição de notícias falsas nas redes sociais, elegendo-se um outro para representar a vilania que teria atuado ao arrepio da lei e ser alvo do escárnio (Gomes, 2019).

⁵ Em um discurso no Palácio do Planalto, o presidente Jair Bolsonaro defendeu os presidentes da ditadura militar que governou o Brasil de 1964 a 1985. Bolsonaro não fez menção à censura, às torturas e às mortes cometidas pelo regime (G1, 2022).



Ao passo que a extrema-direita ganhou voz, corpo e lugar no Congresso Nacional⁶, outra parte dos brasileiros, todos aqueles conscientes do perigo de um avanço fascista, se agrupam em uma junção interessante. Na última eleição presidencial brasileira, grupos políticos, econômicos e sociais distintos passaram a fazer parte de um dos lados do Brasil que está dividido em dois. O resultado foi uma polarização nunca antes vista no país, que não acabou com o fim da eleição (Nunes e Traumann, 2023).

A eleição mais violenta e polarizada da história do país chega ao fim e expõe em números frios a divisão profunda de um país que não sabe ainda o caminho da reconciliação. Levará algum tempo para que vencedores e derrotados metabolizem o resultado das urnas em favor de um futuro mais fraterno (Correio Braziliense, 2022).

A lógica é simples: a extrema-direita, com sua base fascista, promove intolerância, beligerância e divide as pessoas. A intolerância torna impossível uma discussão pacífica e civilizada entre pessoas com ideias diferentes. Esse sentimento de divisão ultrapassa a esfera política e se calcifica na sociedade, no consumo, na religião, nos esportes, etc. (Nunes; Traumann, 2023).

A disputa passou a ser sobre a forma como cada lado enxerga o mundo, como quer que os próprios filhos sejam criados, quais lugares vai frequentar, que estilo de música ouvir, que roupa usar, em que escolas estudar. A disputa política deixou de ser apenas um ato eleitoral e passou a ser um ato identitário, presente no cotidiano do consumo, do estilo de vida, hábitos e escolhas. A disputa eleitoral transbordou para o cotidiano (Nunes; Traumann, 2023, p. 165).

O sentimento de ódio e aversão é crescente, e movimentos neofascistas, neonazistas e extremistas ganham força. Em pesquisa da Genial/Quaest de outubro de 2022, 25% do eleitorado brasileiro, o que corresponde a 40 milhões de pessoas, se disseram intolerantes em relação ao voto do outro.

2.2 Por que a internet?

O poder da internet e seus recursos (blogs, fóruns, redes sociais) de disseminar conteúdos é muito maior do que foi a televisão, por exemplo, em seu início. A televisão levou 22 anos para atingir 50 milhões de usuários. A rede social

⁶ 103 parlamentares eleitos em 2022 são do Partido Liberal (PL), partido de extrema-direita.



Threads atingiu 100 milhões em apenas cinco dias (Visual Capitalist, 2018, 2023). Em setembro de 2023, 5,4 bilhões de pessoas no mundo tinham acesso à internet, o que corresponde a 67% da população global, segundo contagem da União Internacional de Telecomunicações (UIT).

A internet se tornou, nos últimos anos, um território que ultrapassa a socialização - é também campo noticioso, educacional e, particularmente, político, uma ferramenta que pode promover a democratização. Ou não. A *web* como novo meio de comunicação tem um grande potencial de remover os obstáculos de tempo e espaço para a participação política, criando um novo espaço público. Contudo, agora, sem a necessidade de um profissional do Jornalismo, os políticos têm a liberdade de se comunicarem diretamente com os usuários, sem nenhum tipo de critério ou intermediação (Gomes, 2005).

Segundo Canavilhas (2009), as mídias tradicionais, o rádio, a televisão e o jornal impresso, continuam sendo os dispositivos mais poderosos e procurados pelos políticos. Mas são também os dispositivos que eles menos podem influenciar. Isso justifica a escolha pelas redes sociais: a enorme possibilidade de disseminação somada à pouca ou nenhuma filtragem e a chance de transmitir narrativas que podem ser verdadeiras ou não. Isso vale não só para políticos, mas também para organizações extremistas e neonazifascistas.

Mas, ainda que a rede seja utilizada pelos sites para divulgação de suas ideias, a Internet é, ainda, locus ideal, por um paradoxo próprio à rede: o formato da rede garante anonimato, enquanto que a extensão permite alcançar milhares de pessoas ao mesmo tempo, num tempo muito menor do que o necessário por outro veículo, o que exponencializa esta forma de sociabilização (Dias, 2007, p. 29).

Casarões (2022) traçou um panorama sobre como a extrema-direita no Brasil se articula e atua nas redes sociais. Segundo o pesquisador, o processo tem quatro etapas:

- A reprodução de ideias, estéticas e performances da extrema-direita global, em especial da norte-americana;
- A adaptação desse conjunto de símbolos para a realidade brasileira, a partir de referências conhecidas aqui;
- Uma articulação entre grupos e membros desses grupos de extrema-direita, que atuam de forma diferente mas se conectam;



- A legitimação, feita por meio de curtidas, *retweets*, compartilhamentos de *posts* com notícias falsas, por exemplo.

A experiência da internet hoje se distancia de seu uso no século XX. O campo político e ideológico a utiliza de forma com que se torne instrumento de organização social, de forma positiva mas também negativa. Como Nunes e Traumann (2023) nos demonstraram, nas eleições presidenciais de 2022, a polarização política foi inédita⁷. Na internet, um fenômeno se desenvolveu e fez com que as opiniões e pensamentos parecidos se retroalimentassem em grupos nas redes sociais, tornando as pessoas mais vulneráveis à manipulação devido à confirmação de suas crenças, mesmo que preconceituosas.

Pesquisas realizadas por fontes confiáveis confirmaram que máquinas de buscas e mídias sociais promovem a segregação ideológica, pois o usuário acaba por se expor quase exclusivamente a visões unilaterais dentro do espectro político mais amplo. Quando muito arraigada devido à repetição ininterrupta do mesmo, a unilateralidade de uma visão acaba por gerar crenças fixas, amortecidas por hábitos inflexíveis de pensamento, que dão abrigo à formação de seitas cegas a tudo aquilo que está fora da bolha circundante (Santaella, 2018, p. 7).

Esse campo livre que se tornou a internet abriu espaço para crescerem fóruns, páginas e perfis na *web* e na *deep web* com discursos intolerantes, racistas, misóginos e xenofóbicos. No Brasil, até 2019, 334 células neonazistas, supremacistas brancas, hitleristas e revisionistas (que reivindicam que o Holocausto não existiu) estavam em plena atividade. Em 2022 esse número saltou para 1.117 (Dias, 2019, 2022).

Trivinho (2024) ressalta que as redes sociais, enquanto segmento das grandes empresas de tecnologia - as famosas Big Techs - criaram um espaço livre e deram sinal verde para a proliferação de grupos nazifascistas e supremacistas.

A mencionada relação simetricamente proporcional – entre expansão de condicionamentos corporativo-digitais e proliferação de narrativas e práticas autoritárias de direita obedece a regras socioeconômicas relativamente estáveis no capitalismo. As plataformas digitais de

⁷ Para Nunes e Trauman (2023), em 2022 o Brasil atingiu um nível de polarização política nunca antes visto. Apesar de, historicamente, o país já ter passado por períodos polarizados, no ano das últimas eleições presidenciais o grau de divergência de opiniões foi inédito.



relacionamento, participação e partilha são livremente apropriadas (isto é, incorporadas ao campo próprio, à realidade individual) por categorias sociais econômica e cognitivamente preparadas para fazê-lo (por precários que sejam o equipamento e o pacote de acesso à rede), sobretudo em períodos ou contextos de disputa política, religiosa e moral. No aleatório jogo dessas apropriações e usos, grupos, partidos e extenso séquito de extrema direita têm, há anos, levado amplamente a melhor, com domínio mais avançado de fatores do submundo online (Trivinho, 2024, p. 317).

No dia 27 de junho de 2025, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que, no Brasil, as redes sociais passarão a ser responsabilizadas pelos conteúdos criminosos ou ofensivos postados por seus usuários⁸. A nova tese firmada pelo STF altera regra do Marco Civil da Internet⁹ em que as redes só poderiam ser responsabilizadas caso descumprissem ordem judicial para retirar o conteúdo ofensivo. Com a atualização, as empresas devem criar canais de denúncia sob sigilo e monitorar ativamente os conteúdos para retirada imediata em casos de racismo e apologias.

Sobre regulamentar o uso de redes sociais, Trivinho (2024) afirma que:

Em sociedades marcadas por apropriações e usos aleatórios tendentes a hegemonizar eleitoralmente a extrema direita, urge a regulamentação democrática das redes sociais por iniciativa da sociedade civil progressista e com apoio participativo do Estado – ambos decisivos. O Brasil é desses casos – e, ao que parece, assim será por muito tempo. [...] Ministérios e Secretarias de Estado, em conjunto com segmentos democráticos da sociedade civil, devam encabeçar o processo de regulamentação das plataformas digitais para reduzir danos e riscos de uma autorregulação coletivamente aleatória (à mercé de apelações políticas e morais periclitantes, de mercado e audiência), em tempos de desinfestação de rede (Trivinho, 2024, p. 323).

Controlar conteúdos ofensivos e criminosos está distante do que a extrema direita chama de censura. O debate válido é sobre a linha extremamente tênue entre regulamentação e liberdade de expressão.

Além disso, é importante destacar que grupos extremistas *on-line* se utilizam de uma linguagem própria, pensada para burlar o sistema digital e não ter o

⁸ Matéria publicada pelo G1 dia 27 de junho de 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/06/27/stf-define-que-redes-sociais-sao-responsaveis-por-postagens-de-usuarios-veja-perguntas-e-respostas.ghtml>

⁹ Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm



conteúdo deletado ou a conta suspensa ou restringida (Aprile, 2025). As redes sociais são interessantes para eles.

Em resposta a isso, muitos usuários passaram a adaptar palavras, frases e termos, criando formas alternativas de comunicação capazes de contornar os filtros automáticos dessas plataformas. Um exemplo recorrente é o uso do verbo “estudar” como substituto para “estuprar”, com suas respectivas variações de conjugação verbal. Essa prática é especialmente comum em nichos digitais específicos, como a chamada “Betasfera”¹⁰, cujos membros fazem uso constante de termos violentos ou ofensivos. Nesse contexto, a adoção de “estudar” no lugar de “estuprar” surgiu como uma estratégia deliberada para burlar o sistema de detecção das redes sociais, garantindo que o conteúdo circule apesar das restrições (Aprile, 2025, p. 8).

Todos esses fatores convergem para que os usuários de redes sociais digitais sejam as “presas” perfeitas. Inseridos no que parece ser um território sem lei, são vítimas de ações que parecem inofensivas, mas têm consequências na prática da democracia, no exercício da cidadania e na liberdade plena.

2.3 Desdobramentos do extremismo on-line

Até agora, foi discutido o poder das redes sociais em ampliar discursos e criar retóricas de acordo com interesses pré-definidos. Segundo Recuero (2009), as redes sociais são muito maiores e mais amplas que as redes offline, com um potencial de disseminação de informação que está presente nas conexões construídas nesse espaço, chamado pela autora de “espaços públicos mediados”.

Redes sociais na Internet são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões. Essas representações são, geralmente, individualizadas e personalizadas. Podem ser constituídas, por exemplo, de um perfil no Orkut, um weblog ou mesmo um fotolog. As conexões, por outro lado, são os elementos que vão criar a estrutura na qual as representações formam as redes

¹⁰ Segundo o historiador César Aprile, “betasfera” é “um conjunto de comunidades digitais, discursos e práticas organizados em torno da figura do ‘beta’, um arquétipo de masculinidade percebido como passivo, inseguro ou socialmente fracassado em contraste ao ideal do ‘alfa’. É um espaço sociocultural e digital marcado por autoironia, fatalismo, gírias próprias e interações que reforçam sentimentos de frustração ou inferioridade em contraste com os ideais de masculinidade “alfa”. Ao mesmo tempo, esse ambiente pode funcionar como terreno fértil para discursos misóginos, extremistas e práticas de radicalização online”.



sociais. Essas conexões, na mediação da Internet, podem ser de tipos variados, construídas pelos atores através da interação, mas mantidas pelos sistemas online. Por conta disso, essas redes são estruturas diferenciadas. Ora, é apenas por conta desta mediação específica que é possível a um ator ter, por exemplo, centenas ou, até mesmo, milhares de conexões, que são mantidas apenas com o auxílio das ferramentas técnicas (Recuero, 2009, p. 2).

Vimos que, neste espaço, uma caixa de pandora foi aberta para a saída de incontáveis movimentos que se organizam em torno da homofobia, racismo, antisemitismo, misoginia, fascismo, etc. No Brasil, a ascensão explosiva de líderes da extrema direita nos últimos anos tem relação direta com esse fato. Heidi Beirich, coordenadora de estudo realizado pela Global Project Against Hate and Extremism (GPAHE — Projeto Global Contra o Ódio e o Extremismo) que mapeou grupos de extrema direita em atuação no Brasil, afirmou que o país é terreno fértil para o crescimento de grupos extremistas por ser “a segunda nação que mais gasta tempo na internet no mundo e pela falta de regulação das plataformas”.

A pesquisadora ratifica que houve uma “escalada de grupos extremistas no Brasil à medida que as mídias sociais passaram a ser usadas mais por grupos e indivíduos para espalhar medo, desinformação e conteúdo desumanizante”. Beirich destaca que a atuação de Bolsonaro e sua família nas redes sociais não só tem ligação direta como foi fator definitivo para aumento do extremismo de extrema direita no Brasil.

As grandes empresas de tecnologia, conhecidas como *big techs*, também são peça crucial no processo de replicação de conteúdo extremista. Arão (2023) afirma que o espaço virtual privilegia conteúdos da extrema direita, mesmo que de forma indireta, quando favorece narrativas como discursos de ódio, fake news e teorias da conspiração, fortalecendo esse campo político. Pode não ter sido um movimento pensado, mas, uma vez descoberto, foi definitivamente muito bem explorado.

As redes sociais gostam desse tipo de conteúdo, porque ele possui o poder de prender nossa atenção, e a atenção é o que faz com que vejamos anúncios que geram lucros para as empresas. Ou seja, o objetivo dos algoritmos não é exatamente criar um espaço fértil para a extrema direita, porém pouco fazem para evitar esse efeito colateral. Os algoritmos não criaram a extrema direita, mas criaram caminhos que facilitam a emergência de afetos e ideias autoritárias que se mantinham mais reprimidos (Arão, 2023, p. 3).



Prova disso é a pesquisa feita pela agência de análise de mídias e dados, Mapeamento, Análise e Perspectiva (MAP), segundo a qual Jair Bolsonaro liderou o ranking de engajamento nas redes sociais em 2022 entre os políticos. Ele teve 21,2% de menções no Twitter e em perfis no Facebook, enquanto Lula teve 7,6% de menções, quase três vezes menos.

Um dos objetivos deste trabalho foi tentar compreender o porquê de usuários consumirem conteúdos extremistas. Em a “Psicologia das massas e análise do eu”, de 1921, o austríaco Friedenreich Freud afirma que os vínculos sociais têm natureza emocional e que a democracia está associada à percepção (ou ilusão) de que cada um dos cidadãos é amado pelo líder de forma igual. Quando estão nas massas, os indivíduos unem suas frustrações e as descarregam em opiniões preconceituosas, violentas (Arão, 2023). Eles querem fazer parte do todo, da massa, e, uma vez nela, há a fortíssima tendência de enfraquecimento das personalidades em favor da unidade do psiquismo coletivo (Gomes, 2019). Assim, o vínculo com o líder é estabelecido e as retóricas da extrema direita são retroalimentadas.

Essa mencionada frustração é, não só explicada, como prevista. Para Fromm (1941), o capitalismo e o neoliberalismo formam o contexto social que traz este sofrimento, pois fomentam isolamento e um sentimento de impotência e insignificância ao indivíduo. Assim, o capitalismo é um sistema instável, um ciclo que opera no desequilíbrio e na lógica da produção incessante e sem fim em grande parte das camadas da sociedade. As atividades nunca terminam porque há sempre a ideia de produzir e render mais. Dessa forma, a promessa da produção maximizada, da riqueza e felicidade não foram cumpridas (Han, 2021).

O fracasso da felicidade e do bem-estar via neoliberalismo tem dois sintomas diretos: a interiorização e a exteriorização do mal-estar. No primeiro caso surge uma autoculpabilização por não corresponder aos imperativos do capitalismo, assim o indivíduo se sente fracassado por suas supostas falhas e deficiências. Esse mal-estar pode ter como correlatos físicos a somatização em enfermidades, como a depressão, a síndrome do pânico, o absenteísmo no trabalho etc. Há uma sensação de crise, com um sentimento de ameaça e confusão generalizada, sem formações e processos intermediários que possam oferecer uma continência (Barus-Michel, 2002; Kaës, 2005). No segundo caso, o mal-estar e a angústia se tornam em um ressentimento contra a vida (Deleuze, 1976). São deslocados para fora por meio da agressividade, depositados num elemento exterior, um bode-expiatório (Pichon-Rivièrre, 1982). Então, os problemas em não conseguir seguir o ritmo da axiomática do capital e a incerteza



devido à crise não são atribuídos a traços individuais ou conjunturais, mas sim à existência de um inimigo, diferente do endogrupo. Constitui-se um imaginário coletivo no qual as vicissitudes que se vivem são causadas por um determinado agrupamento social, sejam os judeus na antiga Alemanha nazista, os imigrantes e muçulmanos na Europa, ou os políticos de esquerda no Brasil (Sandoval, 2020, p. 120-121).

Cabe aqui citar Hannah Arendt e seu conceito de "banalidade do mal" de 1963, no contexto do pós Segunda Guerra Mundial e do julgamento de lideranças nazistas, em especial de Adolf Eichmann. "O problema de Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terríveis e assustadoramente normais" (Arendt, 1999, p. 299).

Dadas as frustrações exteriorizadas no mundo virtual, vale a reflexão: sabemos de onde vem o que consumimos nas redes sociais? Sabemos por quem é produzido? Sabemos a intenção por trás de cada conteúdo, ou somos apenas consumidores passivos? Ao mesmo tempo em que a cidadania pode ser fortalecida por meio das comunicações com a distribuição mais democrática de informações, para Silveira e Amaral (2018), o consumo midiático tem o poder de alterar as formas do consumo de informações e, consequentemente, interferir negativamente no desenvolvimento de competências cívicas, capacidade crítica e participação nas questões da esfera pública.

Spinelli (2009) discorre sobre três passos indispensáveis para se exercer uma cidadania plena: 1) o sujeito ter consciência de que é sujeito de direitos; 2) ter conhecimento de seus direitos, ou seja, serem dadas a ele condições de acesso a esse conhecimento; 3) serem atribuídas ao sujeito as garantias de que ele exerce ou exercerá seus direitos sempre que lhe convier. É partindo deste ponto que o conceito de educação ou alfabetização midiática se faz necessário, se não urgente. Livingstone (2004 apud SOUSA, 2020) a define como a capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens através de uma variedade de contextos. Isso significa parar para refletir ao acessar conteúdos midiáticos; pensar de forma crítica sobre o que é consumido, já que esse mesmo conteúdo pode, despercebidamente, alterar a forma como os usuários se relacionam com a prática cidadã.

2.4 O podcast e a entrevista jornalística



O termo podcast é a junção entre duas palavras: iPod (reprodutor de áudio no formato MP3) e *broadcast*, que significa “transmissão”. É um conteúdo digital, distribuído via internet, que pode ser baixado em celulares ou computadores com conexão de rede e acessado a qualquer momento. É encontrado em sites de emissoras de rádio ou em canais específicos desse formato (Javorski, 2017). Os podcasts frequentemente são segmentados e aprofundados em conteúdos específicos.

Na rádio, a Internet começou por ser utilizada essencialmente como ferramenta de trabalho. A partir da sua produção para as ondas hertzianas, muitas estações começaram a disponibilizar os seus conteúdos na Internet em websites próprios sem aumentarem nada ao formato inicial. Posteriormente, as estações começaram a produzir conteúdos específicos para a Internet, e surgiram projectos a operar exclusivamente neste novo meio de comunicação, sendo este o estágio que se desenvolve na atualidade. (Cordeiro, 2004, p. 2).

Os primeiros podcasts começaram a ser desenvolvidos como experimentos no início dos anos 2000, em uma onda de digitalização de conteúdos e linguagens midiáticas (Magnoni; Almeida; Leite, 2020). Nesse processo, as relações de consumo do ouvinte com o conteúdo passaram por transformações. O rádio na internet trouxe diversas possibilidades em relação à ampliação da difusão em escala global. Nesse novo modelo de transmissão, a quantidade de pessoas é posposta à segmentação e qualificação do público.

Neste ambiente digital, instaura-se uma nova relação da emissora com o público e com os anunciantes. O ouvinte interageativamente com o conteúdo e com a programação da rádio, que, por sua vez, comercializa não mais apenas a audiência (atenção do ouvinte), mas sim o perfil de consumo de mídia dessas pessoas (o que escutam, como o fazem, por quanto tempo etc.) (Junior, 2020, p. 37).

Nos últimos anos, o formato tem ganhado espaço, em especial entre a população mais jovem. No final da segunda década do século XXI, pesquisas internacionais de audiência e mercado calculavam a existência de aproximadamente 700 milhões de programas de rádio online (Magnoni, Almeida e Leite, 2020). De acordo com o Spotify, uma pesquisa realizada pelo *Podcast Stats Soundbites* (2019), mostra o Brasil como o segundo país que mais consome podcasts no mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos.



Na internet, a comunicação pelo áudio, altamente emotivo, continua a despertar o interesse de novos desenvolvedores de conteúdos, dedicados aos novos nichos específicos de público e aos antigos ouvintes hoje presentes nas plataformas informáticas acessadas pelos smartphones (rádios sociais, web rádios, audiocasts e até vídeos) (Magnoni; Almeida; Leite, 2020, p. 150).

Dentre suas novidades enquanto novo formato, merece destaque a atemporalidade de consumo - chamada por Luiz e Assis (2010) de podcasting - e a chance de ouvi-lo de forma simultânea a outras atividades. De acordo com pesquisa produzida em 2018 pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) em parceria com a Rádio CBN, somente 4,3% das pessoas que ouvem *podcasts* não realizam outras atividades simultâneas. 54,2% dos ouvintes (mais da metade deles) consomem o formato para ter uma companhia durante atividades domésticas, uma clara adaptação do papel do rádio às novas tecnologias (Falcão e Temer, 2019).

Se a principal vantagem do rádio, conforme Meditsch (2001), é o fato de que ele não exige atenção total e possibilita que o ouvinte realize outras tarefas enquanto ouve notícias, o podcast potencializa essa vantagem ao permitir que o ouvinte não apenas consuma a programação geral, mas escolha o que quer ouvir, na hora que quiser, otimizando o tempo à sua necessidade do momento. (Falcão: Temer, 2019, p. 2)

A pesquisa da ABpod também aponta que 79,9% dos ouvintes escutam *podcasts* para se informar. Os formatos de conteúdo de maior preferência são: debate (75,4%), entrevista (55,5%), reportagem e noticiário (24,9%). Os números escancaram que, como ferramenta jornalística, apesar de ainda ser pouco explorado, a facilidade e as novas possibilidades de distribuição dos conteúdos via internet tornam o podcast uma nova e interessante oportunidade para o jornalismo transmitir informações.

É inegável que o podcast chega para dar novo fôlego ao jornalismo ao explorar o potencial da mídia sonora no ambiente online. Enquanto o texto e o vídeo já possuíam seus lugares cativos no ciberjornalismo, o som se limitava a reproduzir conteúdos veiculados nas rádios e webrádios (Falcão; Temer, 2019, p. 150).

Embora não tenha surgido nos meios tradicionais de jornalismo, fica nítido que o formato é buscado para consumir novas informações. Veículos convencionais da imprensa brasileira começaram a explorar esta nova oportunidade. O Estado de S. Paulo e a Folha de S. Paulo são dois exemplos de jornais tradicionais que absorveram a proposta do podcast. E, veja bem, deu muito certo. O programa Café



da Manhã, da Folha de S. Paulo, é o quinto podcast mais ouvido do Brasil em outubro de 2025, segundo o Ranking Podcast Brasil, abordando política brasileira e internacional, cotidiano, saúde, cultura, economia, entre outros. O podcast O Assunto, do G1, fica em segundo lugar, comandado pela jornalista Natuza Nery.

Outro ponto que merece atenção é a autonomia produtiva possibilitada pelo novo formato. A PodPesquisa, produzida pela Associação Brasileira de Podcasters em 2021, estima que 71% dos podcasts brasileiros não utilizam uma empresa produtora. No mesmo sentido, Primo (2005) analisa que qualquer pessoa com acesso à internet pode produzir um podcast. Sua elaboração exige poucos recursos, mais ainda se comparados à produção no rádio.

O podcast enquanto formato radiofônico se utiliza de alguns elementos para ser construído. Ferraretto (2014) destaca que a linguagem radiofônica é criada com: a voz humana, a música, os efeitos sonoros e o silêncio. Esses elementos podem ser usados isoladamente ou combinados, contribuindo para a elaboração da mensagem. O uso desses itens deve ser muito bem pensado, já que neste formato de recepção de conteúdo, apenas o sentido auditivo é ativado.

A ausência de contato visual leva a uma série de alternativas sonoras para a codificação da mensagem. Resulta daí que a base para a recepção seja o sentido da audição, algo que o profissional de rádio deve ter sempre presente (Ferraretto, 2014, p.46-47).

Palácios (2014) afirma que o jornalismo *online* possibilita que o leitor e os produtores de notícias trabalhem em conjunto no processo de construção da informação. Assim, o podcast utiliza ferramentas das plataformas digitais para promover maior participação do ouvinte, proporcionando uma interação que ultrapassa os limites sonoros. Para Barbosa (2013), o jornalismo online está em sua quinta geração, com tecnologias que, como citado anteriormente, alteram o consumo dos usuários com a informação.

[...] as mídias móveis, especialmente smartphones e tablets, são os novos agentes que reconfiguram a produção, a publicação, a distribuição, a circulação, a recirculação, o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos em multiplataformas” (Barbosa, 2013, p. 42).

Rede de Poder é um podcast exclusivamente de entrevistas com especialistas. Para Fábio Altman, “a entrevista é a essência do jornalismo, um gênero que transforma o cidadão comum em líder, dono da palavra” (Altman, 1995,



p. 15). O caminho para se ter uma entrevista exitosa é dominar o tema e aguçar a sensibilidade. “Exige muita intuição, delicadeza, perfeito conhecimento do assunto, do entrevistado, de sua vida e de sua obra, uma grande probidade – um exterior, enfim, que inspire confiança e incite à confidência” (Follett *apud* Amaral, 1982, p. 82). A definição de entrevista para Nilson Lage (2003) é:

A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos. A palavra entrevista é ambígua. Ela significa (a) qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo; (b) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público; (c) a matéria publicada com as informações colhidas em (b) (Lage, 2003, p.32).

O papel do repórter na entrevista é, para Sodré e Ferrari (1986), se fazer presente no momento. “Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato foi feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos” (Sodré e Ferrari, 1986, p. 15). Lage (2003) destaca a importância de não fazer com que a entrevista seja puramente imensoal, com grande distância entre jornalista e fonte. A ideia aqui é dialogar, transformar a procura por informação em uma conversa, para se ter bom resultado.

De modo geral, é estimulante para o entrevistado, nos momentos em que a fala se interrompe, perceber que o entrevistador está compreendendo o enunciado. Para isso, produzem-se questionamentos que constituem, na verdade, inferências imediatas a partir do que acabou de ser dito. Se o entrevistado declarou que a economia vai bem, uma observação óbvia, tal como "o senhor é então otimista quanto aos acontecimentos do futuro próximo" vale não por seu conteúdo, mas pela demonstração de interesse e entendimento. Dependendo, no entanto, das circunstâncias, pode ser conveniente apresentar um dado de contestação, no momento adequado, para obter maior espontaneidade, expansão ou aprofundamento (Lage, 2003, p. 36).

A jornalista e pesquisadora de comunicação, Cremilda Medina, em seu livro “Entrevista: o diálogo possível” (1990), afirma que a técnica jornalística vai além da consciência profissional do jornalista: a verdadeira entrevista é o diálogo, fundamental em todo tipo de comunicação humana. Medina parafraseia a teórica Annette Garrett ao dizer que entrevistar é uma arte. A arte de ouvir, perguntar, conversar. Cremilda cita, ainda, que utilizar o diálogo na prática da entrevista exige



sensibilidade por parte do jornalista. A tentativa é de aproximar o entrevistador do entrevistado, para "desbloquear" as fontes. E foi assim que, dada a complexidade do tema, busquei dialogar com os entrevistados para que, na mesma proporção, eles dialogassem comigo.



3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi pensado para refletir sobre a democracia. Sua produção teve como objetivo criar um espaço de diálogo sobre como a população brasileira é afetada pelo extremismo nas redes sociais. Nos seis episódios, a proposta foi elucidar fatos e informações para geração de conhecimento.

O podcast desenrola o emaranhado de aspectos que envolvem o contexto da ascensão da extrema direita brasileira seguindo uma linha do tempo, desde o panorama histórico até os desdobramentos atuais. Com diversos dados, retomadas históricas e análises de especialistas, buscou-se tornar acessível um assunto complexo.

Sendo um produto jornalístico, a pesquisa esteve presente em todas as etapas de produção do podcast. A elaboração do referencial teórico tornou possível embasar as argumentações, guiar as entrevistas, ilustrar o cenário político e social do Brasil e inserir o ouvinte no contexto de cada episódio.

A proposta de criar uma explicação falada para promover melhor entendimento ao ouvinte foi alcançada por cada um dos entrevistados, que, com muita habilidade, elucidaram as temáticas com termos simples, seguindo uma linha de raciocínio prática.

Apesar de ser uma temática de interesse geral e comunitário, o público-alvo são os usuários das redes sociais: jovens e adolescentes, iscas fáceis para as armadilhas dos grupos extremistas. O podcast será veiculado em plataformas digitais de áudio gratuitas, mantendo a proposta de oportunizar o conhecimento acessível, fácil e rápido.

Ao falar de algoritmos, psicologia e comportamento, regulamentação jurídica digital e educação midiática, o projeto atingiu seu objetivo de ser um alerta, uma possível virada de chave para o pensamento crítico. O resultado destaca a relevância social e, principalmente, humanitária em tratar sobre o assunto.

É comum ouvir que política é chato. É comum ouvir que política é difícil. É comum ouvir que política não é para todo mundo. Mas política é justamente participação cidadã, prática efetiva da democracia. E, para isso, é preciso levá-la até onde ela se faz todos os dias.



Embora eu, como cidadã brasileira, mulher e graduanda de uma universidade federal, tenha minhas opiniões pessoais, é importante que cada um que ouça esse podcast construa sua opinião a partir das falas dos entrevistados.



4 - REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: Matéria de Primeira Página**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

AMARAL, Inês; SILVEIRA, Patrícia. **Jovens e práticas de acesso e de consumo de notícias nos media sociais**. Revista Estudos em Comunicação; 2018. Disponível em: <[Visualização de Jovens e práticas de acesso e de consumo de notícias nos media sociais](https://visualizacao.jornal.ufms.br/index.php/jovens_e_praticas_de_acesso_e_de_consumo_de_noticias_nos_media_sociais)>. Acesso em 27 nov. 2025.

APARECIDO, J. M. **Direita radical e populismos de direita por Cas Mudde: um breve estudo dos movimentos e partidos extremistas contemporâneos**. 2021. Disponível em: <<https://www.inscricoes.fmb.unesp.br/upload/trabalhos/2021102511853.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2025.

APRILE, C. A. da Silva. **Extremismo online: o fascismo e os movimentos de extrema-direita nas redes digitais**. Revista PPC – Políticas Públicas e Cidades, [S.I.], 2025. Disponível em: <<https://journalppc.com/RPPC/article/view/1599/955>>. Acesso em: 30 out. 2025.

ARÃO, Cristian. **A Caixa de Pandora da Extrema Direita**. Disponível em: <<https://pucrs.emnuvens.com.br/veritas/article/view/46759/29073>>. Acesso em: 4 set. 2025.

ASSIS, Pablo de; LUIZ, Lucio. **O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. Intercom, 2010, p.1. Disponível em: <[O podcast no Brasil e no mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais](https://www.oestudodocast.com.br/o-podcast-no-brasil-e-no-mundo-um-caminho-para-a-distribucao-de-midias-digitais)> Acesso em 27 nov. 2025.

ALTMAN, Fábio. **A Arte da Entrevista: uma antologia de 1823 aos nossos dias**. São Paulo, Scritta, 1995

BARBOSA, Isabela Cabral. **Jornalismo narrativo em podcast: uma análise da linguagem, da mídia e do cenário**. 2015. 71 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BLUBRRY PODCASTING. **Podcast Stats Soundbite: Brazil in Bloom**. Podcast Insider, 1 fev. 2019. Disponível em: <<https://blubrry.com/podcast-insider/2019/02/01/podcast-stats-soundbite-brazil-bloom/>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 2. ed. Trad. João Ferreira, Carmem C. et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986. p. 457-458.

CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV



Editora, 2020. Disponível em: <[O Fascismo em Camisas Verdes - Leandro Pereira Gonçalves e Odilon Caldeira Neto | PDF | Fascismo | Brasil](#)>. Acesso em: 05 mai. 2025.

CALDEIRA NETO, Odilon. ***Neofascism and the Far Right in Brazil***. Cambridge: Cambridge University Press, 2025. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/br/universitypress/subjects/history/twentieth-century-regionalhistory/neo-fascism-and-far-right-brazil?format=PB&isbn=9781009535502>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

CANAVILHAS, João. **A comunicação política na era da internet**. Covilhã: Labcom Books, 2009. Disponível em: <<https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-comunicacao-politica-na-era-da-internet.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

CARVALHO, Cristiane Portela de; COSTA, Ruthy Manuella de Brito. **Jornalismo e Redes Sociais: Novas Práticas e Reconfigurações**. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 24, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/view/62507>>. Acesso em: 25 jun. 2025.

CASARÕES, Guilherme. **A força da extrema direita nas redes sociais: ideologia e estratégia**. Fundação FHC. Disponível em: <<https://fundacaofhc.org.br/blog/a-forca-da-extrema-direita-nas-redes-sociais-ideologia-e-estrategia/>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

CNN BRASIL. **Desinteresse por política é maior na classe baixa, diz Quaest**. CNN - Política, 2025. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/desinteresse-por-politica-e-maior-na-classe-baixa-diz-quaest/>>. Acesso em 25 jun. 2025.

CNN BRASIL. **Jair Bolsonaro foi o político com maior engajamento nas redes sociais em 2022**. CNN Brasil, [S.I.], 6 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/jair-bolsonaro-foi-o-politico-com-maior-engajamento-nas-redes-sociais-em-2022/>>. Acesso em: 30 out. 2025.

CORREIO BRAZILIENSE. **Eleições apertadas são a representação de um Brasil dividido**. 31 out. 2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5048273-eleicoes-apertas-sao-a-representacao-de-um-brasil-dividido.html>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

CORDEIRO, Paula. **Rádio e Internet: novas perspectivas para um velho meio**. Disponível em: <cordeiro-paula-radio-internet-novas-perspectivas.pdf>. Acesso em 27 nov. 2025.

CORREIO BRAZILIENSE. **Maior eleição da história é marcada por polarização, embates e questionamentos**. Brasília, 2 out. 2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5041129-maior-eleicao-d-a-historia-e-marcada-por-polarizacao-embates-e-questionamentos.html>>. Acesso em: 11 mai. 2025.



DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet.** Campinas, SP: [s.n.], 2007.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Brasil tem 334 células neonazistas em atividade, diz pesquisadora.** UOL Universa, 18 maio 2023. Disponível em: <<https://matheuspichonelli.blogosfera.uol.com.br/2019/11/18/brasil-tem-334-celulas-nazistas-em-atividade-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

DORIA, Pedro. **Fascismo à brasileira: como o integralismo, maior movimento de extrema direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo.** São Paulo: Planeta, 2020.

ESTADO DE MINAS INTERNACIONAL. **Um terço da população mundial continua sem acesso à Internet.** Disponível em:
<https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2023/09/12/interna_internacional_1560532/um-terco-da-populacao-mundial-continua-sem-acesso-a-internet.shtml>.

Acesso em: 3 set. 2025.

FROMM, Erich. **O Medo à Liberdade.** 14. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **Podcasts de notícias diárias nos grandes veículos de imprensa no Brasil e sua relação com a democratização da informação.** Esferas, v. 8, n. 1, jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/13227>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

FARIAS, Letícia Aires de. **Resenha crítica do livro “A pós-verdade é verdadeira ou falsa?” de Lúcia Santaella.** Revista Docência e Cibercultura, v. 4, n. 2, p. 242–249, 2020. Disponível em:
<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51190>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática.** São Paulo: Summus Editorial, 2014.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística.** São Paulo: Summus Editorial, 1986.

GALLINDO, Dora de Sá; PUREZA, Fernando Cauduro. **Negacionismo em rede(s): a cadeia de produção e difusão negacionista da Ditadura Militar nas mãos da extrema direita.** Revista História Hoje. São Paulo, v. 13, nº 28, p. 48, 2024. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/1195/568>

G1. **Em discurso, Bolsonaro defende ditadores militares e deputado dos atos antidemocráticos.** G1 - Política, 2022. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/03/31/em-discurso-no-planalto-bolsonaro-defende-ditadores-militares-e-deputado-reu-por-atos-antidemocraticos.ghtml>>. Acesso em 23 jun. 2025.

G1. **Fora da agenda, Bolsonaro se reúne com deputada de extrema direita**



da Alemanha. G1 – Política, 2021. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/11/08/fora-da-agenda-bolsonaro-se-reune-com-deputada-de-extrema-direita-da-alemanha.htm>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

GOERISCH, Darya Valeska Aksinya. **A entrevista jornalística: um encontro especial entre sujeitos.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. Monografia (Graduação) – Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em:
<<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3861/1/DGoerisch.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2025.

GOMES, Angela de Castro. **Estado Novo, debatendo nacionalismo, autoritarismo e populismo.** O Brasil Republicano, v. 2, 2019. Disponível em: <[O Brasil Republicano - Volume 2 - O Tempo do Nacional-Estatismo: do Início da Década de 1930 ao Apogeu do Estado Novo – Segunda República](#)>. Acesso em: 29 jun. 2025.

GOMES, Wilson. **Internet e participação política em sociedades democráticas.** FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia, Porto Alegre, v. 12, n. 27, p. 58–78, ago. 2005. Disponível em:
<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3323/2581>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

GUARDIAN, The. **Audible revolution.** The Guardian, 2004. Disponível em:
<<https://www.theguardian.com/technology/2004/jun/24/onlinesupplement1>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte.** Ensaios e entrevistas, 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021

HERREROS, Cebrián. **La Radio en la Convergencia Multimedia.** Ed. Gedisa, 2001.

ICL Notícias. **Grupos espalham discurso de ódio sem moderação das plataformas digitais.** Disponível em:
<<https://iclnoticias.com.br/extremismo-redes-grupos-espalham-discurso-odio/>>. Acesso em: 3 set. 2025.

JAVORSKI, Elaine. **Radiojornalismo: do analógico ao digital.** 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2017.

JESUS, Wagner Brito de. **Podcast e educação: um estudo de caso.** 2014. 56 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

JUNIOR, Alvaro Bufarab. **Podcast e as novas possibilidades de monetização na radiodifusão.** Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 33-48, jan./abr. 2020



LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIMONGI, Fernando; GUARNIERI, Fernando. **As eleições presidenciais no Brasil pós-redemocratização**. Novos Estudos, nov. 2014. Disponível em: <NovosEstudos_novembro_2014_FINAL.indb>. Acesso em 29 jun. 2025.

MAGNONI, Antônio Francisco; ALMEIDA, William Douglas de; LEITE, Wellington. **Radiodifusão, web rádio e podcast: o ensino do jornalismo em áudio**. Conhecimento & Diversidade, Niterói, v. 12, n. 27, p. 144–157, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/7177>. Acesso em: 01 mai. 2025.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

MOURA, Carlos. **'Caçadora de nazistas', ela descobriu 1.117 grupos extremistas no Brasil**. UOL ECOA, 18 mai. 2023. Disponível em: ><https://www.uol.com.br/eco/ultimas/noticias/2023/05/18/com-ossos-de-vidro-ela-lutou-contra-neonazistas-e-pelos-diritos-dos-pcds.htm>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

NEXO JORNAL. **Como a ideologia fascista explica a extrema direita atual**. Nexo Jornal, 2024. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/como-a-ideologia-fascista-explica-a-extrema-direita-contemporanea>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. **Biografia do abismo: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil**. São Paulo: HarperCollins Brasil, 2023.

PALÁCIOS, Marcos. **Memória: jornalismo, memória e história na era digital**. In: CANAVILHAS, João (org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

PEREIRA, Gabriel. **Neofascism and the Far Right in Brazil. Review of Democracy, 17 abr. 2025**. Disponível em: <<https://revdem.ceu.edu/2025/04/17/neofascism-and-the-far-right-in-brazil/>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Intexto, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4210>>. Acesso em: 27 nov. 2025.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet, Difusão de**



Informação e Jornalismo: elementos para discussão. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. Disponível em:

<<http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>>.

Acesso em: 30 out. 2025.

SANDOVAL, Salvador A. M; HUR, Domenico U. Psicologia política da polarização e extremismos no Brasil: neoliberalismo, crise e neofascismos.

In: HUR, Domenico U.; SABUCEDO, José M. (Orgs.). Psicologia dos extremismos políticos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. Disponível em: <[Psicologia Política da polarização e extremismos no Brasil: neoliberalismo, crise e populismo](#)>. Acesso em: 30 out. 2025.

SANTAELLA, Lucia. A pós-verdade é verdadeira ou falsa? Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SANTOS, Leonardo Pires dos. O ovo da serpente: reflexões sobre a ascensão do neonazismo brasileiro a partir de 2019. Campo Grande, MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, [2024]. Disponível em:

<<https://repositorio.ufms.br/retrieve/6c208e6f-9877-4a33-bf60-bdebe044f0b3/21390.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2025.

SILVA, Adriana Brito da; BRITES, Cristina Maria; OLIVEIRA, Eliane de Cássia Rosa; BORRI, Giovanna Teixeira. A extrema-direita na atualidade. Serviço

SILVA, João. Internet e participação política em sociedades democráticas.

Revista Famecos, n. 32, 2006. Disponível em:

<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3323>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

Social & Sociedade, São Paulo, n. 119, p. 407–424, set. 2014. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/nTk6JtjrXGqcpGVcr8Rj4Wx/?lang=pt>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

SOUSA, Lumárya Souza de. Educação midiática na era das competências: conceitos e correntes no fazer educacional. Intercom, p. 4, 2020. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2303-1.pdf>>. Acesso em 27 nov. 2025.

SPINELLI, Egle Müller. Comunicação, Consumo e Educação: alfabetização midiática para cidadania. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun. 44 (3), 2021.

Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-58442021307>>. Acesso em 27 nov. 2025.

SPONHOLZ, Liriam; ÖZVATAN, Özgür. “Cas Mudde: ‘O termo populismo não é apenas um eufemismo. Falta-lhe clareza e temos termos melhores para descrever o mesmo fenômeno’”. Mídia e Cotidiano, Rio de Janeiro. 2024.

Disponível em:

<<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/61371/35987>>. Acesso em: 30 out. 2025.



TRIVINHO, Eugênio Rondini. **Infonegócios endofascistas: razões políticas e sociais para a regulamentação das plataformas digitais no Brasil.** Revista Eco-Pós, 27(1). Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i1.28196>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

VALIATI, Vanessa Amalia Dalpizol; BAMBERG, Thaís. **Jornalismo e podcast: uma análise dos programas Café da Manhã, Estadão Notícias e Resumão.** Âncora – Revista Latino americana de Jornalismo, João Pessoa, v. 8, n. 1, jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/58656/34055>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

VIANA, Luana. **O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos.** Comunicação Pública, Lisboa, v. 16, 2021. Disponível em: <<https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/72>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

VIOLIN, Tarso Cabral. **Cidades Fascistas.** Revista De Direito Da Cidade Vol. 15, N.04., 2023. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/rdc/article/view/65891/49049>>. Acesso em 29 jun. 2025.

VISUAL CAPITALIST. **How long does it take to hit 50 million users?** 11 set. 2017. Disponível em: <<https://www.visualcapitalist.com/how-long-does-it-take-to-hit-50-million-users/>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

VISUAL CAPITALIST. **How Long it Took for Popular Apps to Reach 100 Million Users.** 10 jul. 2023. Disponível em: <<https://www.visualcapitalist.com/threads-100-million-users/>>. Acesso em: 11 mai. 2025.

VIZENTINI, Paulo Fagundes; MILMAN, Luís. **Neonazismo, negacionismo e extremismo político.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; CORAG, 2000.



5 - Anexos

5.1. Identidade visual

<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1V3Qum4PuDeY8FWqenlrLsQo24ni81i5e>



6 - APÊNDICES

6.1. Roteiro das pré-entrevistas

<https://drive.google.com/drive/folders/1rF7BeIPNU6vImzwaT8fEk3Jcu3YIPNe8?usp=sharing>

6.2 Roteiro das entrevistas oficiais

https://drive.google.com/drive/folders/1ze1nINK55wFlzE7ji0JVj8UiCr_frDhw?usp=sharing